

Soraya Luana Rodrigues Sousa, pedagoga e coordenadora do DIJ (Departamento de Infância e Juventude) do NEIM.

Há quanto tempo você é espírita e o que a trouxe ao Espiritismo?

Sou espírita há 10 anos. Simpatizei-me com o Espiritismo há cerca de 20 anos, embora ivesse o costume de me benzer com “benzedeira”, com alguma regularidade. No entanto, a dor me alcançou e por ela cheguei a uma casa espírita. Ao contrário do que muitos imaginam, não vim para o Espiritismo por causa de Fiorido, embora, confesse que ele tenha contribuído muito.

Antes de se tornar espírita, como você encarava e sentia a idéia do Juízo Final?

Minha base religiosa se firmou em colégio católico, administrado por freiras, sendo a inha família católica. Por conseguinte, o céu era para mim um lugar de placidez e descanso eterno e o inferno um lugar geográfico de sofrimentos terríveis.

Para um dos lugares a alma iria, ou diretamente para o jardim das delícias, ou passaria pelo purgatório, onde o sofrimento era temporário e depois o céu; ou ia diretamente para o inferno, de onde nunca mais sairia, depois de passar por um julgamento semelhante a um tribunal humano, onde o implacável juiz dava a pena segundo seus humores ou segundo a crença do réu. Se de outra religião, estava condenado e ponto final.

Hoje, com o estudo do Espiritismo, como definiria a justiça divina?

Com o conhecimento espírita, novos horizontes se descortinaram, à luz da lógica e da razão e então os conceitos me deram mais lucidez para entender o destino das almas e a situações que elas passam após a morte física.

Hoje sei que juízo final é uma avaliação de sua conduta e atitudes que o espírito faz, tão logo se perceba consciente de sua nova realidade, dando assim, sua entrada no mundo espiritual.

Como enfrentar este momento tão importante?

Fazendo o bem e praticando as virtudes. Morre bem quem viveu bem. Mas mesmo para os espíritos endurecidos, a misericórdia é infinita.